
- **ATLAS TOPONÍMICO DO BRASIL (PROJETO ATB): PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DOS DADOS. CARTAS SISTÊMICAS**

Coordenador(a): Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick

Neste Simpósio, objetiva-se demonstrar as etapas metodológicas que justificaram a elaboração do Atlas Toponímico do Brasil (Projeto ATB, Dick 1994), extensiva e compreensivamente. Voltado ao estudo dos nomes de lugares do país, em sua dicotomia física e antrópica, o projeto fundamentou-se nos princípios reguladores da onomástica tradicional, mas direcionando-os a uma vertente científica contemporânea, com mudança de foco do núcleo básico (Dick, 2003). A ampliação das áreas de pesquisa toponímica, além dos limites estaduais paulistas (Projeto ATESP, 1989, ora em fase de tratamento dos dados lexicográficos), faz parte da dinâmica da proposta ao buscar a cartografia da nomenclatura geográfica brasileira, do ponto de vista taxionômico (ou terminológico) e sintático-semântico (estrutura sintagmática gramatical e referencializada). As cartas sistêmicas a serem desenvolvidas são resultantes práticas de parciaisidades toponímicas já concluídas ou em fase de construção; todas, porém, seguem os mesmos critérios do projeto-matriz, variando, apenas, a natureza tipológica dos conjuntos denominativos pesquisados. Neste Simpósio, serão discutidos estudos sobre os Estados de São Paulo e de Mato Grosso do Sul.

A INFLUÊNCIA DA LÍNGUA INDÍGENA NA FITOTOPONÍMIA DA REGIÃO SUL DE MATO GROSSO DO SUL

Marilze Tavares (UFMS)

Para se organizar no meio em que vive, o homem nomeia o ambiente que o cerca, sendo essa organização uma condição quase obrigatória para a sua sobrevivência. Nesse processo de nomeação, utiliza quase sempre palavras de base lusitana, mas a herança indígena também está significativamente impressa na toponímia brasileira em geral. Este trabalho centra-se na etimologia de designativos - um dos itens da ficha lexicográfico-toponímica do Projeto ATESP (DICK, 2004) - de base indígena que nomeiam acidentes físicos da região Sul de Mato Grosso do Sul, e é parte de uma pesquisa mais ampla que investigou 920 topônimos de 36 municípios, alguns localizados próximos à fronteira com o Paraguai. Os dados que integram o corpus foram

obtidos por meio de consulta a cartas topográficas do IBGE (1987), e o modelo teórico-metodológico adotado foi o proposto por Dick (1992). Neste recorte, analisa-se um conjunto de 164 signos toponímicos, classificados como fitotopônimos - topônimos de índole vegetal, categoria mais produtiva do corpus analisado. Dentre esses, 53% têm etimologia indígena ou são compostos híbridos formados com uma base indígena. Muitos desses nomes já integram o vocabulário da língua e estão registrados em dicionários gerais de língua portuguesa - Ipê (córrego de Dourados), Peroba (córrego de Rio Brilhante) e Buriti (córrego de Antonio João) -, enquanto outros ainda não pertencem ao léxico comum da língua - Caarapó (município), Nhu-verá (córrego de Coronel Sapucaia), Caverá (córrego de Sete Quedas). Essas ocorrências podem ser atribuídas principalmente à grande concentração de povos indígenas na região pesquisada, que é situada próximo à fronteira com o Paraguai, que tem como uma das línguas oficiais o guarani. Os dados analisados apontaram para uma especificidade da toponímia do sul do Estado que motivará cartas toponímicas diferenciadas no produto final da pesquisa, o Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul (ATEMS).

A QUESTÃO DA ESTRUTURA MORFOLÓGICA DOS TOPÔNIMOS: UM ESTUDO NA TOPONÍMIA SUL-MATO-GROSSENSE

Marineide Cassuci Tavares (UFMS)

Este trabalho discute um recorte dos resultados de estudo acerca da toponímia sul-mato-grossense que resultou na dissertação de mestrado Estudo toponímico da região Centro-Norte de Mato Grosso do Sul: o desvendar de uma história (2005). A pesquisa contemplou a análise de topônimos de acidentes físicos e humanos de 16 municípios, das microrregiões do Alto Taquari, de Campo Grande e do município de Ribas do Rio Pardo (microrregião de Três Lagoas). A coleta dos topônimos foi efetivada, basicamente, por meio de consulta a cartas topográficas do IBGE (1987), de escala de 1: 250.000, e a classificação seguiu, fundamentalmente, o modelo taxionômico proposto por Dick (1992). Esta comunicação centra-se na análise da estrutura morfológica dos topônimos, elemento indispensável no tratamento lexicográfico de dados toponímicos. No corpus analisado, dos 1.146 nomes coletados, 340 são frutos do processo de derivação e 265 são formas compostas, perfazendo um total de 605 topônimos, ou seja, 52,80% do corpus. Ao analisarmos a questão da preferência do denominador perante a escolha dos nomes dos acidentes físicos e humanos, verificamos que, entre as escolhas do denominador, a preferência recaiu no processo de formação de nomes por meio de sufixos diminutivos (57 ocorrências) - Lobinho (C. PG) e pelo processo de composição, prevalecendo formações por S+S (substantivo+substantivo), com ocorrência de 98 designativos - Querino França (P. CA) - e por S+A (substantivo+adjetivo), com 80 nomes - Campo Alegre (P. CO; C. COR). Os resultados relativos à estrutura morfológica dos topônimos foram sintetizados por meio de um quadro e de duas cartas toponímicas - nomes compostos e nomes derivados. Essas cartas foram elaboradas, segundo orientações teóricas de Dick (1996) e integraram a proposta de cartografia apresentada na nossa dissertação, que também visou a contribuir com o projeto ATEMS (Atlas Toponímico de Mato Grosso do Sul).

ATLAS TOPONÍMICO DO BRASIL (PROJETO ATB): PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DOS DADOS. CARTAS SISTÊMICAS

Carla Regina de Souza (UFMS)

O homem, ao apossar-se de um espaço físico-geográfico, precisa nomeá-lo, sendo essa uma condição sine qua non para a garantia de sua própria sobrevivência e a fixação da sua identidade. Assim, por meio da Toponímia, ramo da Onomástica que tem por objeto de estudo o exame da

origem e do significado dos nomes dos lugares, pode-se analisar a estreita relação que há entre o homem e os topos que designam o espaço que ele ocupa. Este trabalho, que é parte de uma pesquisa mais ampla, discute resultados preliminares da toponímia urbana de Nioaque, cidade sul-mato-grossense que foi “vítima” da Guerra do Paraguai (1864/1870), acontecimento histórico que resultou da invasão dos paraguaios às terras da então Província do Mato Grosso - enfrentamento bélico entre a Triplíce Aliança (Argentina, Brasil e Uruguai) e o Paraguai. A investigação acerca dos nomes dos logradouros dessa cidade centenária objetivou a catalogação, a classificação e a análise dos topônimos, com o intuito de verificar se circunstâncias de natureza histórica, social, físico-ambiental, cultural influenciaram o(s) enunciador(es) no ato do batismo desses logradouros. Os dados foram levantados de documentos históricos do arquivo da Câmara Municipal de Nioaque e do mapa da cidade e a análise foi orientada pelos princípios teórico-metodológicos da Toponímia e das disciplinas afins, particularmente pelo modelo taxionômico proposto por Dick (1992). Dentre os 87 topônimos catalogados, 02 integram categorias de natureza física e 85 as de natureza antropocultural. Desses últimos, 48,2% foram classificados como antropotopônimos e 25,2% como axiotopônimos. A explicação para a predominância dessas taxas nessa toponímia urbana pode ser encontrada na própria história da localidade já que, além da referência à Guerra do Paraguai, há uma elevada incidência de designações que homenageiam pessoas ilustres da localidade, o que denota a importância de informações de natureza extralingüística para o estudo desse recorte toponímico.

ATLAS TOPONÍMICO DO BRASIL (PROJETO ATB): PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DOS DADOS. CARTAS SISTÊMICAS E APRESENTAÇÃO DE RESULTADOS PARCIAIS.

Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (USP)

O Atlas Toponímico do Brasil representa, significativamente, a sistematização léxico-toponímica e dialetológica dos topônimos brasileiros, em distribuição cartográfica areal, relativa aos Estados e municípios do país. O levantamento realizado nas cartas ao milionésimo é completado pelo exame das cartas estaduais e municipais, em escalas específicas. O trabalho de campo, na perspectiva toponímica escolhida, é utilizado como suporte complementar quando as fontes primárias forem insuficientes, do ponto de vista explicativo, ou mesmo inexistentes; integram uma etapa posterior de análise, uma vez que a pesquisa, em sua proposta inicial, volta-se também à elaboração das cartas sistêmicas, a partir da complementação das fichas lexicográfico-terminológicas (Dick, 2004), nas tipologias “contexto” e “informações enciclopédicas”. Assim, a pesquisa, de início, tem um caráter teórico-documental e não só empírico ou prático, visando consolidar as hipóteses argüidas. A memória oral, porém, será preservada como bem cultural e patrimonial que é. O entendimento correto da sintaxe do topônimo permite reconhecer a tipologia funcional dos componentes vocabulares, principalmente nas línguas ágrafas. Utilizam-se, ainda, para o estudo da variação das unidades toponímicas, do ponto de vista historiográfico, as explicações de Dauzat e Coseriu (1932 e 1979).

NOTÍCIA DO BRASIL: ASPECTOS ONOMÁSTICOS DE SÃO VICENTE

Ideli Raimundo di Tizio (USP)

Da obra de Gabriel Soares de Sousa, Notícia do Brasil, escolhemos a capitania de São Vicente para comentar sobre os topônimos e antropotopônimos encontrados e sobre os jesuítas e os índios que habitavam, e que ainda habitam esta região, conforme princípios teóricos e metodológicos adotados, (Dick, 1996).

São Vicente - rio, porto, ilha e depois região e povoado, vila e cidade - é nome que já aparece nos mapas de Canerio (1502), de Kunstmann I e II (1503), de João Ruysch (1506/08) incluído na geografia de Ptolomeu em 1508, e no de Martim Waldseemuller (*Hylacomylus*) de 1507, incluído em sua *Cosmografia*; sob várias formas: “San Vicento”, “Sambicente”, “San Uicentio” e “San Vicenzo”. Foi por ignorarem essa circunstância como por desconhcerem a primitiva existência do porto e do povoado de São Vicente, que muitos historiógrafos confundiram toda origem de São Vicente, dando-lhe começo apenas em 1532, com a criação das “semilendas de Martim Afonso de Souza”, como por exemplo: MORPION, Porto Seguro o primeiro autor que procurou uma explicação do nome, opinando o grande historiador que a palavra pode ser considerada somente como uma contração de Morumbinhum, isto é, “Campo dos trabalhadores ou lidadores”, o que deve ser melhor investigado, pois é palavra de origem duvidosa. Ocupou-se ainda Theodoro Sampaio com a definição do termo em referência, em seu valioso livro “O TUPI na Geografia Nacional”. Jean de Léry diz que é o nome que os índios davam ao forte de Bertioga, e Thevet aplica-o à terra da capitania de São Vicente, mas Hans Staden deu-o à ilha de São Vicente, com a grafia Urbioneme, Morpion, Urbione são, decerto, procedentes do mesmo tema - Uirá-Ypaü, exprimindo a ilha dos pássaros.

REFLEXOS DA HISTÓRIA REGIONAL NA TOPONÍMIA RURAL: CATEGORIAS ANTROPOCULTURAIS

Doraci da Luz Gonsalves (UFMS)

A Toponímia é uma ciência que se ocupa do estudo dos signos lingüísticos em função toponímica, procurando correlacionar aspectos da realidade dos grupos sociais com os nomes atribuídos ao espaço físico em que vivem. Assim, reflexos da história regional podem ser encontrados, mesmo que de forma pouca significativa, num sistema toponímico. Neste trabalho, que é parte de uma pesquisa maior acerca da toponímia de três microrregiões administrativas localizadas no sudoeste do Mato Grosso do Sul, discutimos possíveis relações de acontecimentos históricos como a Guerra do Paraguai (1864-1870) na toponímia rural dos 14 municípios da área investigada. Para a obtenção do corpus da pesquisa, foram consultadas as cartas cartográficas do IBGE (1987) da escala de 1.250.00 e para a análise dos dados, adotamos o modelo teórico-metodológico de Dick (1992). Neste recorte dos dados enfocamos informações enciclopédicas e contextuais que demonstram a relação do léxico em função nominativa de acidentes de geográficos com a história regional. O corpus total da pesquisa foi constituído de 422 topônimos - 58% de natureza física e 42% de natureza antropocultural. Esses resultados parecem justificar uma tendência na toponímia rural - manifestação de uma maior influência dos aspectos físicos no processo de nomeação de acidentes geográficos. Selecionamos para este estudo as taxas de natureza antropocultural, haja vista que elas podem refletir mais explicitamente influências de fatos históricos. A análise dos dados revelou que, no corpus estudado, 10,7% dos designativos de natureza antropocultural - antropotopônimos, sociotopônimos, historiotopônimos, axiotopônimos e dirematotopônimos - estão relacionados com a história regional, o que confirmou a hipótese de que os topônimos dessa categoria não ficam indiferentes a aspectos históricos da realidade, pois dentre os designativos analisados, a principal fonte motivadora foi um dos acontecimentos mais importantes da história regional, a Guerra do Paraguai, particularmente a Retirada da Laguna.

TOPONIMIZAÇÃO DE ACIDENTES GEOGRÁFICOS NA NOMENCLATURA BRASILEIRA. REVISÃO DE CONCEITOS E ELABORAÇÃO DE TIPOLOGIAS

Alessandra Martins Antunes (USP)

O processo de toponimização de acidentes geográficos é um mecanismo lingüístico de conversão de substantivos comuns, indicativos da “entidade geográfica” nomeada, em nomes próprios

referencializadores de lugar. O topônimo, segundo Dick (1990: 10-15), tem por estrutura básica a junção de um acidente geográfico de natureza física ou humana - termo genérico - e um topônimo propriamente dito - termo específico -, objeto de estudo da Onomástica. A primeira descrição do processo de toponimização encontra-se em Dick (1990: 61), que verificou a existência de topônimos cujo termo específico denotavam o acidente geográfico, constituindo “exemplos típicos do que se poderia chamar o nome pelo próprio nome”. É a partir destas observações que identificamos uma parcela de nomes nos quais este processo de toponimização ocorre no próprio termo específico. Na presente Comunicação, propomo-nos, inicialmente, apresentar as diferentes visões sobre este processo descritas anteriormente e, pela observação da formação de topônimos brasileiros, agrupar os nomes reunidos em três categorias, segundo a relação estabelecida entre o novo termo genérico e o específico, acidente geográfico convertido em nome.

TRATAMENTO DE DADOS NOS ATLAS DE TERCEIRA GERAÇÃO: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Sonia Sueli Berti Santos

Nesta comunicação mostraremos alguns procedimentos metodológicos de tratamento lexicográfico dos dados na elaboração de cartas sistêmicas com auxílio de programas de Geoprocessamento. Com o avanço das ciências e com a disponibilização de novas tecnologias, os estudos que visam o levantamento de dados lingüísticos e o registro dos falares em cartas temáticas lexicais, nas quais registram-se esses dados nos pontos estabelecidos para a pesquisa, dentro de um determinado território, ganharam novas formas de elaboração.

Nosso trabalho de Doutorado intitulado “Abordagem semântico-lexical do falar sorocabano, com base no questionário do ALiB” insere-se na categoria dos chamados atlas de terceira geração, pois foi elaborado com o suporte de um programa de Geoprocessamento que tem a base de dados espaciais do município estudado inserida em seu banco de dados, o que nos dá uma maior precisão espacial-geográfica das localidades, estabelecida pelo cruzamento de coordenadas de latitude e longitude, além de apresentar uma análise semântico-lexical e um banco de dados em CD-Rom que possibilita a disponibilização em meio multimídia dos dados da pesquisa.